

PRÁTICAS EM EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

Extensão universitária e reconhecimento social a experiência do Grupo Ginástico UNICAMP

Fernanda Raffi Menegaldo ^{1*}

Marco Antonio Coelho Bortoleto ²

¹ Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, Brasil. E-mail: fernandamenegaldo@hotmail.com

² Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, Brasil. E-mail: bortoleto@fef.unicamp.br

*autor correspondente

RESUMO

Este artigo discute a experiência do Grupo Ginástico Unicamp (GGU), projeto extensionista da Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas (FEF-Unicamp) vigente há mais de 30 anos. A partir do referencial teórico forjado pelo filósofo e sociólogo alemão Axel Honneth, esta discussão buscou destacar o papel da extensão universitária com base nos padrões de reconhecimento intersubjetivo: amor, direito e solidariedade. O caso do GGU revela que a extensão universitária pode constituir-se como um espaço de fomento do reconhecimento e pertencimento social. Ademais, a proposta pedagógica empregada no referido projeto vem viabilizando um espaço de prática da ginástica de forma flexível, crítica e com ênfase no processo, revelando-se um potente agente no que diz respeito ao desenvolvimento de habilidades e vínculos sociais e do reconhecimento recíproco. Com isso, essa ação extensionista proporciona aos seus participantes uma enriquecedora experiência corporal e social.

PALAVRAS-CHAVE

Extensão universitária; Reconhecimento recíproco; Coletividade; Ginástica.

University extension and social recognition the experience of UNICAMP Gymnastics Group

ABSTRACT

This article aimed at discussing the experience of Unicamp Gymnastics Group (GGU), an university extension project of Faculty of Physical Education of University of Campinas (FEF-Unicamp) in force for over 30 years. From the theoretical framework by the German philosopher and sociologist Axel Honneth, this discussion aimed to emphasize the role of university extension based on the patterns of intersubjective recognition: love, rights, and solidarity. The case of the GGU reveals that university extension can become a place for promoting social recognition and sense of belonging. In addition, the pedagogical proposal used in this project has enabled a place for the gymnastics' practice in a flexible and critical way, with an emphasis on the process, being a potential alternative with regard to the development of social skills and bonds and mutual recognition. Thus, this university extension action provides its participants an enriching body and social experience.

KEYWORDS

University extension; Reciprocal recognition; Collectivity; Gymnastics.

Submetido em: 17/03/2021 – Aprovado em: 23/08/2021 – Publicado em: 23/08/2021

Este é um artigo publicado em acesso aberto sob uma licença Creative Commons
<https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/>

1 SOBRE O QUE (E POR QUE) REFLETIR: TRANSITANDO ENTRE SOCIEDADE, PRÁTICAS CORPORAIS E RELAÇÕES HUMANAS

Tecemos aqui um olhar para a experiência extensionista à luz de vozes da teoria sociológica, visando ressaltar as potencialidades de práticas produzidas no âmbito da Extensão Universitária (Gadotti, 2017). Vemos essas práticas como caminhos de resistência a algumas fragilidades do mundo moderno: a queda do convívio e das relações sociais, o enfraquecimento dos laços comunitários, o declínio da cooperação e o esmorecimento da solidariedade e do respeito. Esse cenário, como argumenta Han (2018, p. 33), em que o “socius [“social”] dá lugar ao solus [“sozinho”]”, desenhado pelas premissas neoliberais (Dardot & Laval, 2017), convidou-nos a redigir esta reflexão, de forma convicta e urgente, acerca de uma experiência que caminha na contramão desse movimento.

Falamos, pois, do lugar ao qual pertencemos, que é o das práticas corporais, mais precisamente da experiência forjada pelo Grupo Ginástico Unicamp (GGU), projeto de extensão de Ginástica para Todos (GPT), desenvolvido há mais de 30 anos na Faculdade de Educação Física da Unicamp. Amparado pedagogicamente nos princípios da Formação Humana e Capacitação (Maturana & Rezepka, 2002) e convergindo com o princípio da indissociabilidade ensino-pesquisa-extensão (FORPROEX, 2012), o GGU é um espaço dialógico de prática da ginástica, de expressão do corpo, de formação pessoal e profissional (Graner, Paoliello & Bortoleto, 2017), convertendo-se também num espaço de convivência, de respeito à diversidade, à diferença e, por conseguinte, de fomento ao reconhecimento social entre seus integrantes (Honneth, 2003).

2 AMOR, DIREITO E SOLIDARIEDADE: FORMAS DE RECIPROCIDADE NUM PROJETO DE EXTENSÃO DE GPT

A GPT representa a vertente gímnica coletiva voltada para o lazer, praticada fundamentalmente de forma não-competitiva. Em termos sociológicos, sua prática resiste ao processo de esportivização (Elias & Dunning, 2012) e é livre de regras e códigos gestuais pré-estabelecidos, permitindo a presença de todos os corpos, com diferentes experiências, idades e níveis de habilidade, revelando um público heterogêneo. Assim, a GPT não só é uma prática possível e coerente para o universo da extensão, como também se fortaleceu nesse espaço, não apenas na Unicamp, mas também no contexto universitário brasileiro (Batista, 2019).

No cotidiano do GGU, o reconhecimento recíproco parece se dar de forma intensa, regular e, podemos dizer, orgânica, visto que o envolvimento dos integrantes se consolida por meio de um amplo espectro de ações coletivas do grupo: das criações das composições coreográficas à organização e estruturação dos encontros (Graner, Paoliello & Bortoleto, 2017). Nesse contexto de prática em que se cultiva a participação ativa, o diálogo, o manejo constante entre conflitos e consensos e a valorização das experiências individuais para a construção desse ambiente coletivo, os padrões de reconhecimento

considerados por Honneth (2003) parecem entrelaçar, de forma implícita, esses processos que exigem, inclusive, um entendimento e uma apropriação distinta de categorias como tempo, processo e experiência (Menegaldo & Bortoleto, 2020). Esse lugar de prática transforma-se num espaço de constante exercício do reconhecimento social e nos permite visualizar aproximações com os padrões intersubjetivos propostos por Honneth (2003): o amor, o direito e a solidariedade.

Nessa convivência possibilitada pelo GGU, o **padrão do amor** está associado às relações afetivas e aos laços de amizade edificados no interior do grupo. Para Honneth (2003), esse padrão está associado à autoconfiança e ao desenvolvimento da autonomia, sendo uma alternativa no campo da reciprocidade, no qual são estabelecidas relações de demanda mútua de sentimentos, cuidado e dedicação. Pensar esse padrão no contexto de prática de um coletivo como o GGU exige que as relações ali construídas não sejam instrumentais ou de “cooperação forçada” (Sennett, 2012), o que demanda vínculos intensos, forjados por um ambiente que testa, frequentemente, o respeito a todas as diferenças que ali afloram.

O **padrão do direito** é também facilmente identificado. Arelado ao autorrespeito (Honneth, 2003), ele revisita uma ideia, por vezes em desuso, de que para nos reconhecermos como detentores de direitos num determinado contexto é necessário conhecer quais obrigações e limites regem nossa relação com os outros. Assim, ao permitir a condução de suas atividades cotidianas de forma coletiva e por “muitas mãos”, o espaço de prática do GGU requer a manutenção constante dos pactos, das regras e, portanto, das condições de funcionamento do grupo. Ainda que sejam todos acordos tácitos e passíveis de mudanças, principalmente considerando a rotatividade de seus integrantes (algo comum no contexto da extensão universitária), relembrar essas normas sociais é um meio de modular o *modus operandi* do grupo.

Por fim, o **padrão da solidariedade** parece ir, sem cambalear, ao encontro das dinâmicas de construção coletiva que estruturam as atividades do grupo, estando ligado a “um horizonte intersubjetivo de valores no qual cada um aprende a reconhecer em igual medida o significado das capacidades e propriedades do outro” (Honneth, 2003, p. 209). A expressão “em igual medida” tem relação com uma ideia de simetria desse reconhecimento do outro, mas não significa que se reconhecerá quem tem mais ou menos valor; significa que todos possuem um determinado valor. Esse entendimento, que está associado ao fomento da autoestima, contribui substancialmente para a construção de uma noção de coletividade, facilitando certo enraizamento do respeito ao outro e a si mesmo e viabilizando, por consequência, uma busca de equilíbrio entre conflitos e consensos durante a convivência.

3 DESDOBRAMENTOS DO PROCESSO: QUAIS SÃO OS PRODUTOS DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA?

Múltiplos, os produtos de uma extensão dependem dos processos oportunizados pelos espaços de práticas e suas respectivas propostas. No caso de projetos que envolvem as práticas corporais, é interessante pensar formas de oferecer espaços que transcendam o óbvio, como a melhora das habilidades

físicas ou aprendizagem de um novo movimento, avançando com sensibilidade na direção de outras demandas. Nesse sentido, o GGU revela-se, durante sua trajetória, como uma ação que protagoniza o processo, conseguindo, assim, alcançar o produto óbvio (como movimentos gímnicos e coreografias), mas também e principalmente, produtos que afluem com demandas que transcendem a prática da GPT, ainda que possam ser desenvolvidas por meio dela, como é o caso do fomento da diversidade e, paralelamente, das relações de reconhecimento recíproco.

REFERÊNCIAS

- Batista, M. S. (2019). *Extensão universitária: análise dos Grupos de Ginástica para Todos*. Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo, São Paulo Brasil.
- Dardot, P. & Laval, C. (2017). *Comum: ensaio sobre a revolução no século XXI*. São Paulo: Editora Boitempo.
- Elias, N. & Dunning, E. (1992). *A Busca da Excitação*. Lisboa: Difel.
- FORPROEX. (2012). *Política Nacional de Extensão Universitária*. Manaus. Disponível em: <https://proex.ufsc.br/files/2016/04/Pol%C3%ADtica-Nacional-de-Extens%C3%A3o-Universit%C3%A1ria-e-book.pdf>. Acesso em: 15 de agosto de 2020.
- Gadotti, M. (2017). *Extensão Universitária: Para quê?* Instituto Paulo Freire. Disponível em: <https://www.paulofreire.org/noticias/557-extensao-Universit%C3%A1ria-para-que>. Acesso em: 15 de agosto de 2020.
- Graner, L., Paoliello, E. & Bortoleto, M. A. C. (2017). Grupo Ginástico Unicamp: potencializando as ações humanas. In Bortoleto, M. A. C. & Paoliello, E. (Eds), *Ginástica para Todos: um encontro com a coletividade*. Campinas: Editora da Unicamp.
- Han, B-C. (2018). *No exame*. Petrópolis: Vozes.
- Honneth, A. (2003). *Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais* (L. Repa, trad.). São Paulo: Editora 34.
- Maturana, H. & Rezepka, S. N. (2002). *Formação e capacitação humana*. Petrópolis: Vozes.
- Menegaldo, F. R. M.; Bortoleto, M. A. C. (2020). The role of time and experience to the Gymnastics for All practice: building a sense of collectivity. *Science of Gymnastics Journal*, 12(1), 19-26.
- Sennett, R. (2012). *Juntos: os rituais e os prazeres da cooperação*. Rio de Janeiro: Record, 2012.

Artigo submetido ao sistema de similaridade